

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**O PERCURSO DA APRENDIZAGEM DE UMA  
DISCIPLINA VIGILANTE: APONTAMENTOS ACERCA  
DA EDUCAÇÃO DE MÉDIUNS ESPÍRITAS**

**ARTIGO**

**Ariane Wollenhoupt da Luz Rodrigues**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2016**

**O PERCURSO DA APRENDIZAGEM DE UMA DISCIPLINA  
VIGILANTE: APONTAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO  
DE MÉDIUNS ESPÍRITAS**

por

**Ariane Wollenhoupt da Luz Rodrigues**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito  
parcial para obtenção do título de  
**Licenciado em Ciências Sociais**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ceres Karam Brum**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2016**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Curso de Licenciatura em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova o artigo de conclusão de curso.

**O PERCURSO DA APRENDIZAGEM DE UMA DISCIPLINA  
VIGILANTE: APONTAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO DE  
MÉDIUNS ESPÍRITAS**

elaborada por  
**Ariane Wollenhopt da Luz Rodrigues**

como requisito parcial para obtenção do título de  
**Licenciado em Ciências Sociais**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Ceres Karam Brum, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

**Laura Senna Ferreira, Dra. (UFSM)**

**Suzana Cavalheiro de Jesus, Dra. (UNIPAMPA)**

**Santa Maria, 14 de junho de 2016.**

## AGRADECIMENTOS

*A conclusão de um curso de graduação só é possível em virtude da dedicação e parceria de diferentes pessoas. Deste modo, gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram com este trabalho.*

*Em especial, a minha orientadora Ceres Karam Brum, por ter ensinado um novo modo de ver a aprendizagem através do olhar antropológico, e por sua orientação clara e precisa ao longo deste trabalho.*

*A Banca examinadora deste trabalho, professoras Suzana Cavalheiro de Jesus e Laura Senna Ferreira, por sua disponibilidade em avaliar e sugerir melhorias a este artigo.*

*Aos amigos da Sociedade Espírita Dr. Benjamim Potti, por terem aceitado colaborar com essa pesquisa, permitindo-me a aproximação de suas trajetórias no campo da mediunidade.*

*Aos professores do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, por terem ajudado a ampliar meus horizontes.*

*A minha revisora de língua portuguesa, Selma Feltrim, pelo olhar atento e correções oportunas.*

*A minha família pelo apoio e incentivo em todos os momentos.*

## **RESUMO**

Artigo de Conclusão de Curso  
Curso de Licenciatura em Ciências Sociais

Universidade Federal de Santa Maria

### **O PERCURSO DA APRENDIZAGEM DE UMA DISCIPLINA VIGILANTE: APONTAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO DE MÉDIUNS ESPÍRITAS**

AUTORA: ARIANE WOLLENHOPT DA LUZ RODRIGUES

ORIENTADOR: CERES KARAM BRUM

Data de entrega do trabalho: Santa Maria/RS, 2016

Este trabalho é resultado da investigação do processo de aprendizagem, que envolve o tornar-se um médium no contexto do espiritismo. Para isso adotou-se a noção de aprendizagem que segue os estudos propostos por Jean Lave e Etienne Wenger (1991) e Tim Ingold (2010). A partir destas duas abordagens, propõe-se investigar um problema de pesquisa: “de que forma acontece a aprendizagem de um médium no contexto do espiritismo”. Sendo assim, esta investigação apoiou-se na etnografia como perspectiva metodológica, e a participação observante como técnica de coleta e análise de dados, e como fonte de dados um grupo espírita da cidade de Santa Maria, RS. Dentre os principais resultados ressalta-se a existência de uma comunidade de prática que fortalece a aprendizagem cultural, bem como uma educação da atenção voltada à disciplina e vigilância mediante a interação com o visível e o invisível, baseada numa aprendizagem de doação.

**Palavras-chave:** Aprendizagem, mediunidade, espiritismo.

## **ABSTRACT**

Artigo de Conclusão de Curso  
Curso de Licenciatura em Ciências Sociais

Universidade Federal de Santa Maria

### **O PERCURSO DA APRENDIZAGEM DE UMA DISCIPLINA VIGILANTE: APONTAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO DE MÉDIUNS ESPÍRITAS**

THE TRAJECTORY TO LEARNING A DISCIPLINE VIGILANT: NOTES ABOUT  
MEDIUMS SPIRITISTS EDUCATION

AUTORA: ARIANE WOLLENHOUP DA LUZ RODRIGUES

ADVISOR: CERES KARAM BRUM

Data e local de entrega do trabalho: Santa Maria/RS, 2016

This work is the result of research of the learning process, which involves becoming a medium in the context of Spiritism. For this it adopted the concept of learning that follows the studies proposed by Jean Lave and Etienne Wenger (1991) and Tim Ingold (2010). From these two approaches, we propose to investigate a research problem: How is the learning of a medium in the context of Spiritism? Thus, this research has the ethnography as a methodological perspective, and observant participation as a technique for data collection and analysis, and, as a source of data, a spiritist group in the city of Santa Maria, RS. Among the main results emphasize the existence of a community of practice that strengthens the cultural learning and attention of education focused on discipline and surveillance through interaction with the visible and the invisible, based on a donation of learning.

**Keywords:** Learning, mediumship, spiritism.

## SUMÁRIO

1 Considerações iniciais .....	7
2 Apontamentos históricos sobre o Espiritismo no Brasil.....	8
3 O lócus de disseminação do Espiritismo .....	13
4 A aprendizagem de um médium espírita .....	17
5 O grupo de desenvolvimento e educação dos médiuns.....	28
6 Considerações finais .....	35
7 Referências .....	37

# **O PERCURSO DA APRENDIZAGEM DE UMA DISCIPLINA VIGILANTE: APONTAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO DE MÉDIUNS ESPÍRITAS**

## **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Brandão (2002, p. 139) afirma que “toda a educação é cultura”, ou seja, qualquer processo educativo é constituído por uma parcela de sistemas repletos de símbolos e significados de uma dada cultura ou do entrecruzamento entre culturas. Mais, diz que este processo acaba por constituir a própria realização desta cultura, de modo a se manter, transformar e perpetuar.

Assim, a educação como aprendizagem é indissociável da cultura, pois ela é permeada de valores, saberes, códigos, e gramáticas de relacionamentos entre diferentes atores. E, além de indissociável, a cultura é a própria razão para educar, e é por meio dela que há a transformação de “atos em gestos e gestos em ações regidas por acordos sociais de sentidos e por consensos de significados” (BRANDÃO, 2002, p. 140).

Nesta perspectiva, ao aprender, o sujeito se reinventa na sua prática cultural, e o faz “através de incorporar em diferentes instâncias de seus domínios pessoais de interações (muito mais que estocagem) de e entre afetos, sensações, sentidos e saberes, que é algo mais e mais desafiadoramente denso e profundo destes mesmos atributos” (BRANDÃO, 2002, p. 26).

Destarte, ao olhar o pensamento de Brandão (2002), percebe-se a ampliação da concepção de aprendizagem em duas frentes. A primeira refere-se ao ir além do estudo da aprendizagem, focado apenas em habilidades cognitivas, para abarcar modos de ser e sentir. Segundo, avança para análise do processo a partir da cultura, e não se volta apenas a processos internos no plano individual, como acontece nas teorias cognitivistas.

É a partir do enfoque que sintetiza a aprendizagem como cultura, que este trabalho busca compreender a educação em culturas religiosas, propondo-se a investigar a aprendizagem no contexto do Espiritismo, a partir da formação do trabalhador espírita, o médium.

Nesse sentido, essa pesquisa apoia-se em duas teorias acerca da antropologia da aprendizagem, a primeira refere-se aos estudos de Jean Lave e



Etienne Wenger (1991) acerca das comunidades de prática, e a segunda a partir de Tim Ingold (2010) quando se refere à educação da atenção, a qual serve de fundamentação aos dados encontrados.

Como metodologia de pesquisa, a fim de dar conta desta noção de aprendizagem, foi escolhida a abordagem etnográfica, e como método de coleta de dados foi utilizado a observação participante em uma comunidade espírita da cidade de Santa Maria, RS.

## **2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O ESPIRITISMO NO BRASIL**

A Doutrina Espírita foi codificada por Allan Kardec (pseudônimo do professor Hippolyte Leon Denizard Rivail) em 1857, data da publicação do Livro dos Espíritos. Nascida no contexto francês da metade do século XIX, foi fortemente influenciada pelas ideias do período, do racionalismo, da articulação entre ciência e religião, e da necessidade de um método científico (ARRIBAS, 2011, AUBRÉE, LAPLANTINE 2009).

O Espiritismo (termo cunhado por Allan Kardec) é calcado em um tripé: ciência, filosofia e religião. Conforme Arribas (2011), essa tentativa de unir as três formas clássicas de conhecimento gerou, pelo menos, três frentes distintas de adesão. Conforme Aubrée e Laplantine (2009), o discurso espírita busca ser ciência porque investiga as relações entre mundo material e espiritual; filosofia porque investiga as questões fundamentais do homem (sua origem, seu *ethos*, seu destino) e religião porque trata da dimensão moral da existência, conduzindo o homem até Deus.

Chegou ao Brasil, no final do século XIX, na classe letrada da sociedade brasileira, atraindo médicos e bacharéis em direito através do interesse no aspecto científico da doutrina. De acordo com Arribas (2011), sua inserção deu-se através da Colônia dos Franceses, classe abastada e bilíngue. Neste grupo, o espiritismo permaneceu restrito a reuniões que associavam questões políticas e jurídicas (abolicionismo e republicanismo), junto do socialismo.

Depois de algum tempo, conforme a autora, expandiu-se entre a elite brasileira por meio do fenômeno das mesas girantes e falantes. Tal abordagem resguardava o caráter científico e experimental em virtude do cientificismo presente à época.

Logo após essa publicitação, Arribas (2011) destaca que houve uma cisão no espiritismo, em virtude da presença de, pelo menos, três grupos distintos: os espíritas científicos, os espíritas filosóficos e os espíritas religiosos.

Tal cisão levou à necessidade de unificação, a qual aconteceu em 1884 com a fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB), que tinha como objetivo a regulação das ideias espíritas, a representação de todas as diferentes agremiações e ser sua instituição oficial de divulgação (ARRIBAS, 2011). Conforme a autora, na FEB, prevaleceu a liderança dos espíritas religiosos, que assumiram poder político na presidência do órgão, pela necessidade de firmar-se como religião, possibilitada pelo contexto da liberdade de culto preconizado pela nova Constituição Brasileira, e pela necessidade de defendê-lo do Código Penal de 1890, que considerava crime a prática de espiritismo e o exercício da medicina por não médicos.

Na medida em que se difundia,

[...] Pauta de discussões em diversos domínios sociais, o Espiritismo começou a ser visto como heresia para os católicos, charlatanismo para os cientistas, crime para o poder judiciário e exercício ilegal da medicina para o poder médico (ARRIBAS, 2011, p. 8)

Essa pressão externa levou a produções intelectuais de defesa e de demarcação de ideias de um espiritismo à brasileira, demarcando fronteiras e uma identidade específica. Giumbelli (1997), ao estudar os processos penais, enfatiza que este contexto levou a profícua produção intelectual, com intuito de defesa quanto ao Código Penal, que acabou por dar legitimidade e reconhecimento ao movimento.

Nesse aspecto, um intelectual destacou-se: Bezerra de Menezes, um reconhecido médico e político, responsável pela codificação do espiritismo no Brasil. Tal codificação deveu-se à escolha de determinada ênfase em alguns aspectos do espiritismo postulado por Kardec em detrimento de outros. Arribas (2011) destaca, nesse sentido, que “fora da caridade não há salvação” tornou-se o lema do movimento, em associação com práticas de cura, instituídas no Serviço de Assistência aos Necessitados.

Interessadas no restabelecimento físico do próximo, o Serviço de Assistência funcionava como uma espécie de hospital espiritual em que os médiuns, formados ou não em medicina e guiados pelos seus espíritos protetores, receitavam medicamentos homeopáticos e tratamentos de passes aos necessitados, fossem do corpo, fossem da alma, que até lá se dirigiam em busca de alívio para as suas dores, atividade que confrontava

diretamente com as restrições estabelecidas pelo Código Penal. A oferta da cura, além de ser encarada pelos espíritas como uma das possíveis formas de se praticar a caridade, fazia parte de todo um arcabouço teórico-doutrinário pensado e desenvolvido pelos primeiros adeptos brasileiros. Os espíritas tinham como postulado a ideia de que as enfermidades do corpo estão estreitamente ligadas às enfermidades do espírito. Por isso que curar um implicava curar o outro, e vice-versa. Além disso, as ações dos médiuns receitistas ou passistas serviam para validar ou comprovar a realidade e a interferência do mundo de além-túmulo sendo, portanto, a forma mais direta de expandir e de popularizar as crenças espíritas, principalmente a crença nos espíritos e nas suas comunicações (ARRIBAS, 2011, p. 8-9).

A partir deste fragmento, percebe-se que o espiritismo fincava suas raízes, por meio da disseminação de um tipo de salvação, do estabelecimento de determinadas práticas como espíritas e de um discurso com vocabulário próprio, difundido por meio de instituições de divulgação e prática.

Outra característica deste momento inicial foi a associação deste serviço com a filantropia, reconhecida na criação de orfanatos e asilos, na distribuição gratuita de atendimento médico e homeopáticas (GIUMBELLI, 1997). Constituíam-se, assim, uma ética religiosa própria, a qual mesclava elementos da medicina, do catolicismo e da umbanda, num movimento sincrético, disseminado com um ar de modernidade. Da medicina, porque se apoiava no modelo: doente, enfermidade, médico, alívio e cura. Assim, a medicina estava presente nos serviços, porém envolta em uma simbologia diferenciada, pois mudava o sentido de uma prática médica para uma prática mediúnica, orientada para a salvação do corpo e, para além, da alma. (ARRIBAS, 2011). Do catolicismo, em virtude do discurso cristão, marcado pelo exercício da renúncia, em um apostolado sem fins lucrativos, voltado à “prática da caridade” em uma moral puritana e ascética. Da umbanda e candomblé, em razão da permanência de práticas mediúnicas (intercâmbio entre mortos e vivos) com novo status, “espiritismo de mesa branca ou kardecista”, para diferenciar-se dos primeiros, que eram considerados crimes no Código Penal de 1890. Conforme Brandão (2004), o Espiritismo tem interface com cultos de possessão, os quais têm hierarquia relacionada ao letramento e cor, ocupando, nestes, o ponto dos mais letrados e brancos.

De acordo com Aubrée e Laplantine (1999), a prática da mediunidade obteve sucesso, em virtude da existência de uma cultura de mediação existente no território brasileiro,

O espiritismo à brasileira funda-se essencialmente sobre a crença em relações permanentes entre o mundo invisível e o mundo visível, que

podem, em quase todas as circunstâncias, serem mediatizadas por um terceiro. Esta ideia parece-nos constitutiva da cultura brasileira, cultura da mediação que, ao invés de opor duas entidades, procura sempre as reunir (AUBRÉE; LAPLANTINE, 1999, p. 185)

Nesse contexto, o “receber espíritos” fazia parte do imaginário religioso, e os espíritos do espiritismo não eram distintos de outras entidades da cultura brasileira; tais como santos, encostos ou almas penadas (GIUMBELLI, 1997). De acordo com Damazio (1994), as curas promovidas, por meio de uma medicina mágica, também, não eram tão diferentes das curas populares católicas, magias africanas ou exorcismo indígena.

Porém, a popularização do espiritismo, em outros grupos sociais, deu-se com a atuação de Chico Xavier no século XX, considerado um grande médium, pois psicografou (serviu de intérprete dos espíritos por meio da escrita) mais de 400 livros, além de milhares de cartas de desencarnados (aqueles que já morreram) a seus familiares, e pela sua conduta ascética de viver.

De acordo com Lewgoy (2001), o modelo apresentado por Chico Xavier se distancia do proposto por Kardec, ao assumir uma trajetória particular no contexto brasileiro. Segundo ele, se Kardec tinha fortes influências do racionalismo e posição de combate à igreja católica, em Chico Xavier, a ênfase está em uma “mediunidade com Jesus”, exercendo o médium um papel de suma importância, oferecendo uma oposição mais branda à igreja católica. Se em Kardec é oferecida uma ênfase no estudo e na razão, em Chico Xavier, o estudo e esclarecimento são subordinados ao culto e a piedade, e a prática do evangelho no lar.

Conforme o autor, a biografia de Chico Xavier institui um mito que se propagou no Brasil por diferentes razões. Uma delas se refere à apresentação de espíritos vinculados à história brasileira, e até mesmo a valorização do país como “pátria do evangelho”, o que fora divulgado por obras publicadas no período populista da história brasileira, com forte política de valorização nacional.

A segunda diz respeito ao o sincretismo junto do catolicismo popular, enfatizado, em sua obra, que permitiu sua disseminação entre camadas não letradas da sociedade.

A terceira relaciona a biografia com paradigmas da cultura brasileira,

O ideal espírita de homem público modelar, encarnado pelo exemplo de Chico Xavier, combina dois dos paradigmas culturais muito caros à sociedade brasileira, analisados por DaMatta: o "caxias", o cidadão obediente e honesto, disciplinado, cumpridor de horários, seguidor de

normas, inflexivelmente igualitário e legalista; com o "renunciante" ou santo, aquele que se pauta pelos princípios do "outro mundo", combinando renúncia com caridade cristã. Nesse sentido, as qualidades sincréticas da santidade de Chico Xavier, como figura dúplice e liminar, traduzem-se também no acúmulo pessoal das características do "santo" e do "caxias". O indivíduo concebido em sua biografia insere-se num campo de possibilidades muito específico, sem autonomia ou individualização como mônada moral. Sua margem de escolhas aloja-se entre regulamentos divinos e uma pré-história cármica que o conforma à escolhas prévias ao nascimento. Sua única saída é conscientizar-se da teia hierárquica e orgânica em que está envolvido, pagando suas dívidas através de "trabalho". Dessa forma, Chico não encarna um ideal de cidadão crítico da realidade circundante, mas sim o de um membro disciplinado de uma comunidade orgânica e hierarquizada, concepção espírita com importantes afinidades com o ethos militar da disciplina e com sua concepção de "evolução pelo mérito", tornando-se compreensível a forte atração que esta alternativa religiosa sempre exerceu neste grupo social (LEWGOY, 2001, p. 77).

Assim, ao fundir o "santo" e o "caxias", o espiritismo no Brasil, a partir de Chico Xavier, assume características que focalizam a mediunidade exercida com disciplina, renúncia e sacrifício a fim de possibilitar méritos no além-túmulo. Isto caracteriza a maior parcela de instituições espíritas no Brasil.

Conforme Stoll (2005, p. 183), esta perspectiva acerca da mediunidade pode ser pensada como um circuito de dádiva, "este circuito envolve o fluxo de bens espirituais e materiais, estruturados em esferas distintas de circulação, nas quais os participantes não interagem de forma igualitária". Nesse sentido, há a doação de bens espirituais pelos mortos em troca de um suporte material ofertado pelos médiuns. O médium oferta esses dons aos vivos, que retribuem por meio de doações materiais, estas são dirigidas à entidades filantrópicas de assistência, sendo realocadas para atender aos "necessitados".

Nesse sentido, o modelo preconizado por Chico Xavier é disseminado na maioria das instituições espíritas, contudo, Lewgoy (2008) e Stoll (2005, 2002), já estudaram outros modelos emergentes no meio espírita, como uma perspectiva transnacional, a partir de Divaldo Franco, ou uma mediunidade com fins lucrativos a serviço da ética da prosperidade a partir dos irmãos Gasparetto ou a projeiologia de Waldo Viera ou o diálogo interreligioso promovido por Haroldo Dias.

Por fim, percebe-se que o movimento tem se modificado no correr de sua história. Todavia, a direção que tomou desde sua chegada ao Brasil e do mito Chico Xavier são, ainda, muito prevaletentes e enraizadas no meio espírita.

### 3. O LÓCUS DE DISSEMINAÇÃO DO ESPIRITISMO

Conforme Emmanuel, através da psicografia de Chico Xavier, a maior caridade que se poderia fazer com o Espiritismo, consiste na sua divulgação. Esta acontece em pequenas instituições popularmente conhecidas como centros espíritas, pequenas sociedades e associações civis, geralmente com características filantrópicas, que reúnem pessoas interessadas em conhecer, estudar ou praticar a Doutrina.

De acordo com Pires (2000, p. 12)

O Centro Espírita não é templo, nem laboratório – é, para usarmos a expressão espírita de Victor Hugo: *point d'optique* do movimento doutrinatório, ou seja, o seu ponto visual de convergência. Podemos figurá-lo como um espelho côncavo em que todas as atividades doutrinárias se refletem, se unem, projetando-se conjugadas no plano social geral, espírita e não espírita. Por isso mesmo a sua importância, como síntese natural da dialética espírita, é fundamental para o desenvolvimento seguro da Doutrina e suas práticas.

Se uma expressão religiosa é calcada por certo discurso, e caracterizada por determinadas práticas, a disseminação do Espiritismo acontece nesses pequenos núcleos. A Federação Espírita Brasileira, em geral, orienta a formação destes núcleos, bem como organiza as diretrizes para os trabalhos realizados nesta instituição; tais como grupos de estudo, grupos para desenvolvimento mediúnico, grupos de evangelização de crianças e adolescentes, reuniões para desobsessão, palestras público-doutrinárias, trabalho de passes, conversas fraternas, grupos de assistência e promoção social.

Assim, de acordo com Pires (2000. 17)

No desempenho da sua função, o Centro Espírita é, sobretudo, um centro de serviços ao próximo, no plano propriamente humano e no plano espiritual. O ensino evangélico puro, as preces e os passes, os trabalhos de doutrinação representam um esforço permanente de esclarecimento e orientação de espíritos sofredores de suas vítimas humanas, que geralmente são comparsas necessitados da mesma assistência.

Percebe-se deste modo, três frentes de atuação de uma instituição espírita: a frente de assistência material, por meio da promoção social; a frente de assistência à pessoas mortas, por meio da mediunidade; e a disseminação do espiritismo.

Neste contexto, a presente pesquisa aconteceu na Sociedade Espírita Dr. Benjamin Potti, que foi fundada em 02 de junho de 1962, e se trata de uma

associação civil, religiosa, assistencial, cultural, beneficente e filantrópica, sem fins lucrativos (SEBP, 2004).

Esta sociedade tem por objetivos:

- I. O estudo, a prática e a difusão do Espiritismo em seu tríplice aspecto de ciência, filosofia e religião, fundamentado, nas obras de Allan Kardec, que constituem a codificação espírita.
- II. A assistência social com a prática da caridade espiritual, moral e material por todos os meios ao seu alcance, dentro dos princípios da Doutrina Espírita (SEBP, 2004, art.1º).

Contam os membros mais antigos da instituição que o senhor Oralino, que fora um médium, recebeu a orientação de traçar as bases no plano material de um grande hospital espiritual, que seria chamado de Sociedade Dr. Benjamin Potti, sobre o qual não se tem nenhuma informação histórica. Benjamin Potti, conforme os membros da instituição, é o mentor espiritual do centro espírita, todavia não se comunica através da mediunidade, por ser um espírito evoluído. Entretanto, ele coordena o hospital na sua dimensão espiritual.

A SEBP é conhecida na cidade por seu trabalho de assistência espiritual através do receituário mediúnico e cirurgias espirituais. Por manter tais serviços, a Sociedade não é federada, ou seja, não faz parte da Federação Espírita Brasileira e Federação Espírita do RS ou mesmo da União Espírita Municipal, pois tais órgãos reguladores solicitam que as instituições espíritas não ofereçam estes atendimentos por considerá-los “desvios doutrinários”. Acredita-se que isto se deve ao percurso histórico do espiritismo, no qual os receituários mediúnicos foram considerados crimes durante algum tempo (GIUMBELLI, 1997).

Estes atendimentos em forma de receituários mediúnicos (chamados de orientações espirituais) somam em torno de 120 a 148 orientações mensais para as mais diferentes pessoas, dentre um total de mais de 750 pessoas que assistem as exposições doutrinárias semanalmente. Dentre o montante que busca este atendimento estão adeptos de outras casas espíritas e de outras religiões, sendo que a maioria permanece frequentando a Sociedade, apenas, enquanto seus tratamentos de passes, e cirurgia espiritual acontecem.

Outro diferencial da SEBP diz respeito aos seus núcleos: é característica da Sociedade criar núcleos de Estudo da Doutrina Espírita, que acabam por ser emancipados após algum tempo. Dentre os núcleos que permanecem ligados à Sede da SEBP, está o núcleo localizado na Boca do Monte (que oferece alguns dos

mesmos atendimentos que existem na Sede); o núcleo localizado na Vila Natal (uma invasão localizada próximo à Vila Lídia), que congrega os trabalhos filantrópicos; tais como a distribuição de café da manhã para as crianças da evangelização infantil, aos sábados; de sopão aos domingos aos que frequentam as palestra; e doação de alimentos e agasalhos às famílias carentes daquela localidade. Este núcleo, também, conta com Grupos de Estudo e passes. A casa espírita, ainda, faz visitas semanais à Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE) da cidade, levando esclarecimento doutrinário aos internos da instituição, bem como o trabalho de passes.

A Sede da SEBP funciona nos sete dias da semana, o que é possível, devido aos 100 voluntários que se distribuem, em pelo menos dois dias por semana, para colaborar, e que são chamados de trabalhadores, e que, em geral, têm mais de dois anos de frequência em grupos de estudo. Entretanto, os trabalhadores, para que possam atuar em diferentes serviços, recebem formação, a qual vai desde a recepção de pessoas até a manipulação de energias (passes e cirurgia espiritual<sup>1</sup>).

Dentre os serviços que a Sede oferece estão 11 grupos de estudo: Estudo do Livro dos Espíritos, do Livro dos Médiuns, Educação e Desenvolvimento Mediúnico, cada um com duração de 1 ano; 3 grupos de Tratamento Espiritual (destinado às pessoas em tratamento na instituição, com duração de 3 semanas); 4 grupos mediúnicos; 5 dias semanais com palestras e passes, ou seja, exposição doutrinária com duração de 45 minutos, seguida pelo serviço de passes individuais; 4 turmas de evangelização que ensinam o Espiritismo às crianças e jovens de 3 a 15 anos; 1 grupo de autoajuda, 1 grupo de estudos destinado à atualização de trabalhadores da Sociedade; 2 dias de atendimento fraterno (uma conversa de foro íntimo) mediante agendamento, bem como pedidos de orientações.

Neste universo de atividades desenvolvidas na Sociedade Espírita, o presente trabalho realizou-se por meio do acompanhamento de um dos Grupos de Educação e Desenvolvimento Mediúnico, grupo que acontece às segundas-feiras, das 19h e 15min às 21h, na Sede da instituição, e conta com dezenove integrantes e mais dois

---

<sup>1</sup> Esta cirurgia é chamada de “Tratamento Especial”. No entanto, para evitar complicações jurídicas, o trabalho em cirurgia não tem corte, nem toques, bem como qualquer intervenção no corpo físico. Trata-se apenas de passes, ou seja, passes mais demorados e complexos, com transmissão de energias por parte de médiuns com o concurso da equipe espiritual.



coordenadores. O programa de estudos segue duas apostilas escritas pela Federação Espírita Brasileira. Para tal, foi realizado uma participação observante durante os 8 encontros desse grupo, nos meses de março e abril de 2016.

## 4 A APRENDIZAGEM DE UM MÉDIUM ESPÍRITA

Para que se possa compreender o percurso de aprendizagem de um médium espírita, é necessário, primeiramente, esclarecer o que se entende por aprendizagem. Para isso optou-se pelo aporte teórico de Lave e Wenger (1991), no Livro “Situated Learning: legitimate peripheral participation”, no qual enfatizam a visão da aprendizagem como uma atividade situada.

Os autores criticam a intensa investigação da aprendizagem, como se fosse um processo contido apenas na mente do educando, que ignora o mundo em que ele vive. Para eles, é bastante óbvio<sup>2</sup> que a aprendizagem acontece numa atividade situada, pois o ser humano se desenvolve em situações sociais, e utiliza ferramentas e meios de representação providos pela cultura em que está imerso.

Nesse sentido, Hanks explicita o diferencial dos estudos de Lave e Wenger (1991),

Aprendizagem situada contribui para um campo de pesquisa crescente que explora a característica situada do entendimento e comunicação humana. Ela focaliza o relacionamento entre aprendizagem e as situações sociais nas quais ela ocorre. Mais que definir a aprendizagem como a aquisição de um saber proposicional, Lave e Wenger relacionam a aprendizagem a certas formas de coparticipação social (HANKS, 1991, p. 14, tradução livre).

Isto significa que na medida em que o ser humano participa de sua cultura, ele aprende elementos dessa cultura e sobre si mesmo. Contudo, esclarece o autor que esta aprendizagem é restrita a certas formas de participação. Ele deseja dizer que a aprendizagem é mediada pelas diferentes perspectivas daqueles que participam de uma atividade. Nesse sentido, a aprendizagem passa a ser distribuída entre participantes, ao invés de ser um ato individual.

Outro aspecto que merece ser destacado é o papel da ação e da participação social e sua relação com a fala. O ser humano aprende por meio da participação, e não de ouvir sobre a participação. Todavia, é preciso distinguir o contexto em que a fala/discurso também pode ser modo de coparticipação, pois o discurso é também uma forma de agir no mundo, criando sentidos e significados.

---

<sup>2</sup> A crítica que fazem aqui diz respeito ao fato de que apesar de óbvio, muitas teorias sobre a aprendizagem se calam no que diz respeito aos aspectos socioculturais, enfatizando apenas processos internos à mente do indivíduo.

Em síntese, para a atividade situada, os autores cunham o conceito de que esta é uma “Participação Legítima Periférica” (LPP, tradução livre), para se referir a este tipo especial de prática social que é a aprendizagem.

LPP não é uma simples participação estruturada no qual um aprendiz ocupa um papel particular na beirada de um amplo processo. Ela é um processo interativo, no qual o aprendiz ocupa muitos papéis em performances simultâneas; tais como o status do subordinado, do aprendiz, de agente responsável por uma pequena parte do produto final, do aspirante a expert, etc. Cada um destes a implicar diferentes cotas de responsabilidade, diferentes funções e diferentes envolvimento nas interações (LAVE; WENGER, 1991, p. 22, tradução livre).

De acordo com Lage (2015), é possível investigar relações entre novatos e antigos membros de uma comunidade, das suas falas, atividades, artefatos, saberes; é possível também evidenciar os diferentes lugares de adaptação pelos quais passa o aprendiz de uma prática social, diversos espaços que permitem o experimentar facetas múltiplas de uma prática, e neste processo tornar-se um membro da comunidade.

Nessa perspectiva, investigar a aprendizagem implica buscar descobrir como papéis são ocupados, e o modo como as pessoas se engajam neles, ou seja, investigar os modos de estar, agir e pertencer ao mundo social (e não de saber a respeito dele).

A fim de esclarecer a noção de LPP, os autores trabalham separadamente cada um dos termos. De um lado, a legitimidade da participação diz respeito às formas de pertencimento na comunidade, e não apenas da condição de aprendiz. De outro, o termo periférica refere-se às múltiplas e variadas formas de participação definidas pela comunidade, pois há espaços de participação mais ou menos engajados e múltiplos papéis dentro de uma mesma comunidade de prática. Assim, a mudança de localizações e perspectivas é entendida como parte da trajetória de aprendizagem, desenvolvendo identidades e novas formas de integrar-se.

Deste modo, a participação periférica permite o empoderamento dos sujeitos, pois possibilita as mudanças e movimentos dentro da comunidade. É assim que a participação periférica leva à participação plena na comunidade, em vista da diversidade de relações envolvidas nas múltiplas formas de estar e agir na comunidade.

Para os autores, o conceito de LPP é entendido como:

[...] uma ponte conceitual. Ela reivindica processos inerentes à produção de mudanças nas pessoas e nas comunidades de prática. Esta ênfase nas relações entre a produção de saberes, identidades e comunidades de prática, torna possível pensar a aprendizagem como uma incorporação, embora transformada, das características estruturais das comunidades de prática (LAVE; WENGER, 1991, p. 55).

Conforme Wenger (1998), esta ponte conceitual repercute em, pelo menos, quatro aspectos: a prática (a aprendizagem de como fazer); a comunidade (a aprendizagem como pertencimento); a identidade (a aprendizagem de como tornar-se, modifica quem se é, e cria histórias biográficas no contexto das comunidades); e o significado (a aprendizagem como experiência).

Participação se refere aqui, não apenas a eventos locais de engajamento em certas atividades com certas pessoas, mas abrange o processo de ser participante ativo nas práticas de comunidades sociais, e construir identidades em relação a estas comunidades. Participar em um parque infantil ou em uma equipe de trabalho constitui, em ambos os casos, um tipo de ação e uma forma de pertencimento. Tal participação molda não só o que nós fazemos, mas também quem nós somos, e como nós interpretamos o que fazemos. (WENGER, 1998, p. 4).

Assim, busca-se explicitar o percurso formativo de um médium no interior de um Centro Espírita a partir de sua chegada à instituição, buscando entender como participa desta comunidade. Em geral, as pessoas adentram em uma comunidade espírita, muitas vezes porque um amigo indicou a Sociedade como uma experiência positiva, ou, em outras, porque não se sentem bem, e alguém indicou ir à busca de um centro espírita como um local de apoio espiritual.

Assim, uma grande parte dos frequentadores adentra à Casa Espírita em busca de um receituário mediúnico, uma carta psicografada contendo orientações referentes à saúde do corpo e a alma, com prescrição de um tratamento espiritual, o qual contém indicações de alguns serviços ofertados pela comunidade, como participação em palestras, grupos de autoajuda, grupos de estudo do espiritismo, passes e outros.

Na comunidade espírita pesquisada, grande parte do tratamento recomenda à frequência em dias de sessão doutrinária, a qual é composta de uma palestra, com tema previamente determinado, e sob a ótica espírita, seguida de “passes”, um momento individual de transmissão de energias espirituais ao frequentador. Em muitos casos, são previstos cerca de 3 a 6 semanas consecutivas de participação em passes. E após o término deste tratamento, a pessoa é convidada, caso deseje, a seguir frequentando as sessões doutrinárias.

Convém relatar que o trabalho de passes acontece após o término da palestra, e as pessoas adentram à sala de passes em silêncio e por ordem de chegada, o que exige certo tempo de espera e paciência para esse atendimento. Além disso, quanto ao passe, é necessário que seja aguardado em oração, bem como com confiança na equipe que integra esse trabalho. É solicitado ao frequentador que, no caso solicitar informações, esta deve ser feita em tom baixo.

O frequentador que participa da casa como um paciente, ou seja, quando está em tratamento, conhece os trabalhadores, interage com eles, e se aproxima de outros trabalhos da Sociedade, tais como deixar o nome de pessoas para a realização de orações, o que é chamado de irradiação.

No entanto, de pessoa em tratamento para frequentador da Casa Espírita sempre se nota alguma mudança de status, pois, na maioria das vezes, o participante demonstra que se encontra melhor e que já aprendeu alguns pressupostos do Espiritismo, por meio da sua frequência às exposições doutrinárias. Neste momento, muitas vezes, e espontaneamente, ele passa a colaborar com a doação de alimentos e agasalhos, os quais são distribuídos à comunidade em vulnerabilidade social da cidade. Essa participação como doador de bens materiais é valorizada. Nas palestras é enfatizada a máxima de que “fora da caridade não há salvação”, mas também, é informado de que os estoques de alimentos, geralmente, são escassos. Deste modo, a contribuição do frequentador que auxilia pessoas vulneráveis, por meio da instituição, é incentivada como extremamente valiosa e como uma caridade material, com a qual o participante se autocompromete e passa a colaborar com determinados alimentos (os que estão em falta) em determinados prazos (geralmente, uma semana).

Nas sessões doutrinárias, o público também é convidado a frequentar os grupos de estudo de Espiritismo que a casa disponibiliza. As matrículas são permanentes, ou seja, é possível ingressar em qualquer momento do ano. Caso a pessoa se interesse, basta comparecer nos dias e horários em que estes grupos são ofertados.

Aqui acontece a terceira mudança de status, do frequentador ao estudante. Isso implica a inserção de novos comportamentos e atividades. Neste primeiro Grupo de Estudo, cujos encontros são semanais, com cerca de 1 hora de duração, há o trabalho com o “Livro dos Espíritos”, primeira obra do Espiritismo, e que contém

todos os seus pressupostos, e fora organizada a partir de perguntas de Allan Kardec e respostas dos espíritos. Nestes grupos há sempre um coordenador, que dirige e orienta os encontros, buscando esclarecer os termos incompreendidos e os postulados espíritas, com exemplos de outros textos de obras diversas. Já do estudante, é esperada responsabilidade, ou seja, de que ele faça a leitura prévia ou posterior do referido livro, buscando aperfeiçoar sua compreensão dos temas estudados, bem como de participar ativamente do grupo com assiduidade, pontualidade e diálogo sobre os temas estudados.

Nestes encontros, os estudantes são convidados a participar das demais atividades da Casa; tais como confraternizações e eventos para arrecadação de fundos, como os risotos e chás beneficentes, e também se continua a incentivar a colaboração nas atividades de assistência social com doação de alimentos, material escolar e roupas, e a participar das sessões doutrinárias e passes. Também há espaço para que o estudante questione determinadas atitudes que observa em atividades da instituição. Nestes casos, suas sugestões são levadas à direção e, muitas vezes, acolhidas, como por exemplo nos casos de melhoria da infraestrutura da Casa o que denota o desenvolvimento de certo cuidado e carinho para com a instituição<sup>3</sup>.

Cada grupo de estudo tem duração de um ano, e embora possa ingressar em qualquer época do ano, o estudante precisa cumprir, pelo menos, um ano completo, a fim de estudar todo o livro, ou seja, ter uma noção geral da doutrina espírita.

Entretanto, há casos especiais, pois o coordenador do grupo observa que alguns estudantes já tem relativo conhecimento do espiritismo, o que, em geral, são pessoas que já participaram de estudos em outras sociedades, nestes casos, ele, o coordenador, aguarda cerca de 3 meses e, então, encaminha o estudante para um grupo mais avançado.

Após o estudo do “Livro dos Espíritos”, o estudante é aprovado mediante frequência superior a 75% das aulas, encaminhando-se para o grupo de estudo do “Livro dos Médiuns”. Este grupo, que é menos numeroso, é resultado de uma

---

<sup>3</sup> Havia muitas goteiras no salão maior da instituição. Então estes grupos de primeiro ano, abraçaram a ideia de criar campanha para arrecadação de fundos para melhoria do telhado; outro exemplo, diz respeito às salas de estudo, com pouca ventilação, quentes no verão e muito frias no inverno, alguns grupos de estudo organizaram rifas, para a compra de condicionadores de ar, a fim de terem melhores condições de estudo.

triagem inicial apoiada no critério de frequência, e seus participantes têm entrada apenas no mês de março de cada ano. Como no grupo anterior, estes encontros são dirigidos por um coordenador, que faz a mediação dos conceitos estudados para o cotidiano do dia a dia, buscando enfatizar a mediunidade, e como se dão as relações entre o mundo material e o mundo espiritual.

Do estudo do espiritismo (1º ano) para o estudo da mediunidade (2º ano), se direciona o estudante para a ideia de que todos são médiuns, e, portanto, precisam ter educada essa mediunidade, a fim de que esta não lhe traga prejuízos, se mal conduzida. Nesse contexto, o médium é tido como alguém que apresenta uma certa sensibilidade mais acentuada para perceber os espíritos (pessoas que já faleceram). É a capacidade mediúnica que lhe serve de instrumento, por ser neutra, carece de educação para bem manejá-la.

Isto se dá por meio de um estudo orientado voltado apenas para a teoria da mediunidade, a fim de completar o estudo do livro. Nesta ocasião, o participante continua com o seu status de estudante, e lhe são cobrados os mesmos compromissos de assiduidade, pontualidade, estudo e participação no diálogo.

Isto marca o ensino de uma disciplina para pequenos detalhes, compromisso de chegar à Sociedade no horário determinado, de frequentar assiduamente, de preparar-se para os estudos e de integrar-se no grupo. Convém destacar que aqueles que demonstram o desenvolvimento desta disciplina, perante os colegas, são vistos com mais admiração e respeito, bem como os seus comentários e explicações são validados perante o grupo. Também importa relatar que essa responsabilidade é evidenciada até mesmo quando precisam ausentar-se, em virtude de fatores externos (consultas médicas, viagens), pois são orientados a comunicar o grupo, com antecedência, de que não poderão estar presentes, o que é ressaltado como procedimento correto.

Para tanto, e em razão disso, neste momento, são vistos como futuros trabalhadores, ênfase que transparece nas demais atividades de que o estudante participa, sendo conhecido por seu nome pessoal dentre os demais frequentadores. Nota-se que os estudantes, nessa condição, ao participarem de uma sessão doutrinária, por exemplo, são acolhidos como integrantes da instituição de forma calorosa.

Outro elemento importante é que o coordenador do grupo pode convidar o estudante, para participar de alguns trabalhos da casa, vinculados à assistência social, tais como a confecção do sopão ou café da manhã para crianças da comunidade assistida pela sociedade, ou mesmo como voluntário para arrecadação de alimentos em supermercados da cidade. Embora caracterizados como trabalhos de assistência material, ressalta-se que a disponibilidade para a confecção de alimentos, demonstra uma inserção na comunidade em que se desenvolvem as atividades filantrópicas da instituição. Neste caso, o estudante se compromete, aos sábados ou domingos, a compor equipes desses trabalhos, e adentra à referida comunidade empoderado, como um trabalhador da instituição espírita, visto como um espírita com boa-vontade, com tempo disponível para uma caridade maior, a da doação de seu próprio tempo em finais de semana principalmente.

Além disso, neste segundo ano, cria-se um vínculo de amizade dentro de uma turma, que prosseguirá junto aos estudos posteriores, caso todos sejam frequentes. Este contexto gera uma expectativa de continuidade, que faz com que todos busquem alcançar o critério de frequência para continuar no próximo grupo.

O reforço para estes comportamentos, e a sua valorização ajuda a compor um primeiro sinal do médium espírita, o de comprometimento com a disciplina e caridade, conforme enfatizado no modelo Chico Xavier.

No próximo grupo, no terceiro ano, há uma mudança radical de enfoque. Nesse terceiro ano, os estudantes seguem para um grupo chamado “Estudo, Desenvolvimento e Educação Mediúnica – ESDEM”, que é um grupo, de certa forma, considerado seletivo, pois disponibiliza apenas 15 vagas por turma. Então, além do critério de 75% de frequência no grupo anterior, e se for necessário, o coordenador do “Livro dos Médiuns”, poderá indicar os estudantes mais responsáveis e com maior sensibilidade mediúnica para ingresso neste grupo até o limite de 15 pessoas. Neste grupo, será enfatizada em termos de conteúdo, a moral espírita voltada à mediunidade com Jesus, bem como uma fundamentação sobre o transe mediúnico, seus mecanismos e como se relacionar de forma saudável, tranquila e confiante junto aos espíritos.

A passagem para este grupo é esperada com ansiedade, pois também há uma mudança de status, passará ao desenvolvimento e educação de sua própria mediunidade, tornando-se um trabalhador, ou seja, um médium. Também é neste



ano que será convidado a assumir outras responsabilidades, como as de colaborar, de forma voluntária, em outras atividades da Sociedade, a exemplo as atividades de assistência espiritual, conforme seu perfil.

A expectativa para este grupo é grande, pois ao longo destes 2 anos, o grupo é incentivado a colaborar com a sociedade, mas a inserção em palestras, passes, evangelização infantil (assistência e orientação espiritual) têm como critério a participação no grupo do 3º ano.

Dessa forma, esses grupos têm uma coordenação diferenciada, em geral, são orientados pelos dirigentes da instituição, de modo, que os novos trabalhadores possam ser conhecidos por uma equipe seleta. Embora sejam ofertadas ao todo 4 turmas na instituição, em que apenas 4 coordenadores se revezam entre os grupos alternando as aulas. Esse revezamento permite que sejam conhecidos, e possam conhecer os novos trabalhadores, incentivando a comportamentos e atitudes tidas como ideais.

Nesse ano, novos convites são realizados, como cursos de evangelizadores, cursos para atuarem como médiuns passistas, ingresso em grupos de trabalhadores. Após estes preparos, o estudante pode começar a trabalhar de forma voluntária nas atividades para as quais se qualificou. É nesse sentido, que a disciplina aprendida nos anos anteriores o faz alguém confiável, pois é a partir daí que a instituição passará a contar com sua presença nos horários combinados.

Convém mencionar que eles não são obrigados a tornarem-se trabalhadores, todavia, percebe-se que aqueles que assumem estes compromissos, fortalecem sua participação com melhor incentivo para continuar. Já àqueles que não se integram nesses outros trabalhos, ficam restritos às amizades no grupo, enquanto os demais expandem sua rede de contatos e suas experiências, o que reforça seu novo status.

Essas experiências são trazidas para o grupo, comentadas, e passam a ser vistas sob a ótica espírita. Assim, novas significações são atribuídas a elas no trabalho, ou seja, se antes o estudo privilegiava apenas um olhar teórico, neste ano, as experiências vivenciadas na casa espírita e fora dela são trazidas à tona, e os conceitos espíritas são aplicados de modo a atribuir novos sentidos ao que fora vivido.

É claro que a tentativa de articulação do cotidiano aos conceitos espíritas perpassa a todos esses anos de estudo. Todavia, nos demais grupos há uma

preocupação em terminar o estudo do livro até dezembro, e de fazer compreender, minimamente, os conceitos. Porém, no ESDEM, há o objetivo claro de fazer ver a existência do ser a partir da ótica espírita, atribuindo novos sentidos. Assim, com uma compreensão mínima dos conceitos obtida nos anos anteriores, há a efetiva aplicação deles para ressignificar o que percebem nos trabalhos a que foram convidados a participar.

E é dessa maneira, a de como cada participante é direcionado para um trabalho distinto, que acontece o cruzar dessas experiências singulares, o que lhes permite explicar suas novas compreensões. E, a partir de então, o coordenador, no grupo, torna-se mais um mediador à suscitar questões do que um expositor de conceitos como nos anos anteriores. E mais, os participantes vão redescobrando suas experiências frente a esse novo olhar, e adquirem maior legitimidade para expor estas redescobertas.

Também é preciso mencionar que a composição desses grupos não só a dos coordenadores, como também a dos que foram aprovados no estudo do Livro dos Médiuns, conta ainda, mesmo que, eventualmente, com integrantes que já passaram por esses grupos, ou seja, contam com trabalhadores da instituição com maior tempo e capacitação frente às experiências na Sociedade. Mas vale lembrar que esses se portam tanto como aprendizes permanentes, que continuam à busca de sua aprendizagem, quanto como alguém capaz, também, de orientar os demais ao compartilhar suas experiências.

Esta heterogeneidade do grupo incentiva todos a continuarem a aprender, mas também permite a troca de experiência, mostrando que todos podem ensinar também. Assim, os diferentes papéis e status se mesclam e se distribuem reforçando e legitimando à participação de todos.

Em geral, quando alguém se encontra neste terceiro ano de estudos, participa cerca de pelo menos 3 vezes na semana em atividades diferentes da Casa Espírita (estudante em grupo de estudo, trabalhador de alguma atividade de cunho espiritual ou material, e frequentador de sessão doutrinária). Sentindo-se e sendo percebido pelos demais (pessoas da instituição e da família) como um médium espírita.

Deste modo, o percurso de formação de um médium pode ser sintetizado no quadro na próxima página.

Percebe-se pelo quadro que, desde que inicia a frequentar a Casa Espírita, o médium participa de diferentes atividades, sendo convidado a contribuir, de diferentes formas (com doações materiais, com a doação de seu tempo e boa vontade, com a doação de seu conhecimento sobre espiritismo), em papéis que o transforma de paciente assistido a trabalhador que objetiva auxiliar os demais.

<b>Principal Status</b>	<b>Participação em outras atividades</b>	<b>Tempo aproximado</b>
<b>Em tratamento espiritual</b>	Colabora com doações de alimentos e agasalhos; participa de sessões doutrinárias e passes como paciente.	1 a 3 meses
<b>Frequentador</b>	Colabora nas campanhas de doação de alimentos, agasalhos, material escolar e arrecadação de fundos, por exemplo, com a compra de risoto aos domingos pré-determinados e em chás beneficentes. Participa de sessões doutrinárias e passes como paciente.	Variável
<b>Estudante do “Livro dos espíritos”</b>	Colabora nas campanhas de doação de alimentos, agasalhos e material escolar. Apresenta sugestões de melhoria de infraestrutura, para o seu grupo de estudos. Participa de sessões doutrinárias e passes como paciente.	1 ano
<b>Estudante de Livro dos Médiuns</b>	Auxilia na confecção e organização do trabalho de assistência material à comunidades em vulnerabilidade; tais como confecção de sopão, de café da manhã, etc.	1 ano
<b>Estudante do ESDM</b>	Inserção nos serviços de recepção, passe espírita, evangelização de crianças e jovens, palestrante nas sessões doutrinárias e trabalhos mediúnicos.	1 ano
<b>Médium trabalhador</b>	Continuidade nos trabalhos assumidos	Indeterminado

Quadro 1. Trajetória do médium espírita.

Nesta trajetória, interage com os colegas de seu grupo de estudo, e demais trabalhadores da instituição, passando a ser visto como um membro da comunidade, um espírita, um médium. E é isso que o leva a compor a própria identidade de sujeito, ou seja, de alguém que soma estas experiências em sua individualidade para além da instituição espírita.

## 5 O GRUPO DE DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO DOS MÉDIUNS

Além de uma aprendizagem situada em comunidade de prática, percebe-se que a aprendizagem do médium é evidenciada por uma educação da atenção, conforme preconizada pela teoria de Tim Ingold (2010), a qual afirma que esta educação promove novos e diferentes modos de percepção e agência, ou seja, a aprendizagem é uma prática social que envolve o treino da atenção e o desenvolvimento de *skills* num processo contínuo e recursivo entre percepção e ação no campo da prática (STEIL, CARVALHO, GOMES, 2015).

Ingold (2008) usa o termo percepção, emprestado das reflexões de James Gibson, e a concebe localizada num corpo em contínuo movimento, a explorar o ambiente na busca prática de sua vida no mundo. Assim, “olhar, ouvir e tocar, portanto, não são atividades separadas; elas são apenas facetas diferentes da mesma atividade: a do organismo todo em seu ambiente” (INGOLD, 2008, p. 17). Desse modo, a percepção não se dá em um ato cognitivo isolado na mente do indivíduo, como um processamento de informação provenientes dos 5 sentidos, mas ao contrário, dá-se na sua relação com o ambiente, o que é corroborado pelo pensamento de Merleau-Ponty, no qual “meu olhar, meu tato e todos os meus outros sentidos são, juntos, os poderes de um mesmo corpo, integrado em uma mesma ação” (apud INGOLD, 2008, p. 19), e só fazem sentido nesta ação.

Em síntese, para o autor,

[...] sugiro que olhos e ouvidos não devem ser entendidos como teclados separados para o registro de sensações, mas, sim, como órgãos do corpo como um todo, em cujo movimento, dentro do ambiente, consiste a atividade de percepção (INGOLD, 2008, p. 24).

Conforme Sautchuk (2015), no ambiente, o ser se relaciona com artefatos, ritmos elementos materiais e imateriais, valendo-se da percepção e desenvolvendo *skills* (habilidades, em inglês).

O conceito de *skill* é importante na teoria de Ingold (2010), e para compreendê-lo, será necessário entender suas cinco dimensões. A primeira delas, é que o *skill* apresenta uma temporalidade específica, atrelada ao presente, ou seja, não é prévia ou antecedente à sua prática. A segunda é que esta é resultado de um campo de relações entre a pessoa e o ambiente e seus artefatos, ritmos, coisas,

animais, seres incorpóreos. A terceira diz respeito a uma habilidade que não é um automatismo, mas o resultado de percepções deste ambiente, e ações que compõem um gesto, portanto, envolve um juízo, um cuidado. O quarto se refere ao potencial de recriação e manutenção de práticas, da criatividade e da reprodução. E, por último, carrega uma intencionalidade, que não pode ser repassada, mas pode guiar a descoberta, para que outros possam ter experiências (SAUTCHUK, 2015).

Um destaque em sua teoria é que o ser vivo não é visto como uma fronteira em si, mas pensado sempre em movimento, movimento como resultado de estar no mundo. Assim, o *skill* só se dá na relação entre movimentos e coisas, no contexto de um ambiente.

Para tal, Ingold (2010) se vale do exemplo do laçador e do lenhador, ambos aprenderam seus ofícios com base em um *skill*, que não tem uma forma pré-determinada e fixa, mas que age e reage com base na percepção do ambiente e da situação em que está imerso, modificando seus movimentos, postura e abordagem conforme sua percepção, mediante uma análise do entorno.

Nesse sentido, a educação de atenção envolve a percepção do aprendiz com todo o seu corpo, que ressoa sobre as propriedades do ambiente. Sendo assim, a educação e aprendizagem seriam processos de afinação do sistema perceptivo enquanto vive as suas práticas sociais. Em sua teoria, a cultura é campo de relação na qual o sujeito imerso se engaja transformando-a e transformando-se (INGOLD, 2010).

O grupo de formação de médiuns é considerado a partir do olhar sobre a educação da atenção. É neste grupo, o ESDEM, que se solidifica uma identidade do frequentador como médium, passando a ser reconhecido como tal perante a comunidade, e, portanto, há uma aprendizagem sobre o que se espera desse médium em termos de percepção e agência.

A fim de compreender melhor, será necessário explicitar a dinamização destes encontros. Cada encontro deste grupo é caracterizado por 3 momentos distintos: o primeiro deles consiste na abertura do trabalho, em que é lido um trecho do livro “O evangelho segundo o espiritismo”. Após, é realizada uma prece. Nos 5 minutos seguidos à prece, a turma permanece em silêncio, buscando “irradiar” bons pensamentos e energias para o foco da prece, quais sejam, conforme o encontro, os familiares, desafetos, pessoas enfermas, etc. Neste momento, além de ser

focalizada uma mensagem de cunho moral na leitura do livro, os participantes percebem que “doam” suas próprias energias em prol da destinação da prece. É comum o relato de percepção de cores, ondas de calor e arrepios tidos como sinais de que estão a doar energias.

Após, pode-se passar a uma discussão teórica, ou a uma prática mediúnica. A fim de distinguir estes dois momentos, seguem-se os relatos de um momento de aprofundamento teórico e outro de prática mediúnica.

A primeira aula deste ano foi evidenciada pela distribuição de um texto chamado “A árvore útil”, o qual compara os médiuns às árvores, na medida em que a árvore fornece abrigo ou alimento a diferentes seres, desde os pássaros mais delicados até as cobras peçonhentas, ou vermes invisíveis, sem julgar, cobrar ou reclamar. A árvore simplesmente ajuda conforme a necessidade do ser que lhe procura os ramos.

Médiuns, dedicados a Jesus, fixai a árvore útil como símbolo de vossas vidas! Dilacerados e perseguidos, incompreendidos e humilhados, alimentando vermes e pássaros, auxiliando viajores felizes e infelizes, continui em vosso ministério de sublime amor, não obstante a indiferença do ingrato e o escárnio da foice, convencidos de que, enquanto o machado do mundo vos ameaça, sustenta-vos na batalha do bem, o invisível manancial da Providência Divina (XAVIER, 1945).

Pelo pequeno fragmento de texto, percebe-se a valorização de um comportamento ideal para o médium, o de ser sempre disposto a socorrer os espíritos tidos como irmãos, estejam eles encarnados (vivos) ou desencarnados (mortos), independente de seus objetivos e interesses. Assim, qualificam-se os irmãos em espíritos mais felizes e infelizes, estando o médium como ponte entre ambos, tal qual a árvore, com o intuito de doar suas energias, seus pensamentos, sua ajuda em prol destes irmãos a fim de orientá-los ou consolá-los em suas dores.

E, aliado a isso, também, deve transparecer o que o médium deve esperar dessa doação, ou seja, nenhuma retribuição na vida material, mas as forças provindas de Deus. Deste modo, inculca-se que, apesar das ingratidões, críticas e reclamações, o médium não deve reagir buscando o confronto, a defesa ou a desistência, mas sim com base em um amor que compreenda a ignorância dos espíritos, sem fazer revides, tal qual a árvore que continua a servir em silêncio, de forma que não seja percebida, a exemplo de quando purifica o ar por meio da fotossíntese.

O estudo dirigido desta mensagem foi conduzido de modo a valorizar este comportamento, e cada integrante do grupo foi levado a refletir nas comparações, sobre que tipo de espírito seria a andorinha que ganha força nos galhos, o botânico que estuda a árvore, a lesma que percorre os galhos, o lobo que busca refúgio. Enfim, quais seriam suas atitudes como médiuns a mirarem-se na metáfora da árvore?

Aqui transparece o *skill* que é objetivado para os médiuns, ou seja, ajuda aos espíritos necessitados. Ajuda esta que perpassa de uma percepção, primeiro destes seres invisíveis, seguida de uma conduta, pois estes podem ter necessidades diferentes. Afinal, como cada espírito é concebido como uma individualidade, jamais haverá dois espíritos com igual necessidade de ajuda, o que transparece na metáfora frente aos diferentes seres que se apoiam na árvore. Nesse sentido, não basta apenas perceber estes espíritos, mas é preciso perceber o que eles necessitam na prática mediúnica.

Assim nota-se que há um ideal de médium, conforme o modelo preconizado por Chico Xavier, que é valorizado e aprendido por meio do diálogo do grupo e de forma dirigida. O médium é aquele que auxilia sempre independentemente de quem seja o espírito, se bom ou mau, criminoso ou benfeitor.

Geralmente, essa discussão teórica tem duração de 30 a 45 minutos, e nela são discutidos esses valores, ou mesmo busca-se um entendimento do funcionamento da mediunidade, a partir de olhares que buscam ser científicos, por exemplo, quando se estuda a fisiologia do cérebro, a ressaltar o processamento de uma informação mediúnica.

No segundo momento, o da parte prática. O grupo é convidado a praticar exercícios de relaxamento e percepção dos espíritos. Assim, novamente é realizada uma prece, que convida a todos a se colocarem à disposição dos espíritos e, logo após chama-se a cada médium que se encontra de olhos fechados, e este relata o que sente. Uso a expressão sentir, pois, às vezes, eles afirmam que escutam vozes, às vezes que veem pessoas e narrativas, e outras em que simplesmente tem uma ideia. Assim, percebe-se que não se trata de dar a conhecer, com o uso de um determinado sentido, mas da percepção de um organismo em relação ao ambiente que revela um mundo invisível/incorpóreo em interação com o mundo material.



Em um dos encontros, foi solicitado que cada médium mentalizasse um colega do grupo, e depois relatasse o que sentira. Após o exercício, um deles relatou o seguinte fato:

O colega A ao pensar B, percebera um grande agito, e notou que havia alguém a comandar, que trazia a ideia de que era necessário correr, fugir, a gerar uma confusão. Percebia outras pessoas tentando correr, esconderem-se. Então relatou que fez uma prece, pedindo socorro aos benfeitores do plano espiritual e, dirigindo-se aos que corriam, buscou encaminhá-los para a equipe de socorro informando-lhe, em pensamento, que seriam socorridos que não era mais preciso correr. Os que aquiesceram foram colocados em uma grande fila. Percebera, também, que neste grupo havia um espírito que demonstrava cansaço, então dirigiu seus pensamentos a ele, insistindo para que buscasse ajuda até percebê-lo ser encaminhado à fila, e então sumiram todos.

Neste relato, parece claro, que o que poderia ser concebido como imaginação ou sonho, é visto como uma experiência de percepção de uma realidade concreta, porém invisível, inacessível àqueles que ainda não têm sua mediunidade educada ou desenvolvida, mas que faz parte do ambiente.

Outro elemento a ser destacado é a interação existente entre esse mundo e o médium, que direciona e orienta estes espíritos, conduzindo-os para um socorro. Assim, o médium não é visto como um ser passivo que apenas sente e fala pelos espíritos, mas como um ser de agência que, se mantendo consciente do que percebe, é capaz de orientá-los e direcioná-los para um socorro ou luz ou simplesmente para fora de suas vidas.

Outra narrativa que complementa esta afirmativa é de D. Ela relatou que em um dia antes da aula, quando estava em casa, percebera que um familiar transformara-se, repentinamente, ele ficara agitado, revoltado. Narrou que, por breves instantes, esquecera-se de que este era sensível ao mundo espiritual tal qual uma “parabólica” o era para os sinais de televisão. Comentara que não percebera de imediato que a causa daquela agitação, sem motivo aparente, poderia ser de um espírito, disse que é como se tivesse ficado “cega” para a situação. Então, como sempre fazia, resolvera conversar com este familiar, e com isso percebera que já não conversava apenas com ele e sim com um espírito. Tal conclusão a fez tomar uma atitude: disse ao espírito “aqui você não pode ficar, então vá com a equipe da Sociedade”, e fez uma prece pedindo socorro para o espírito, evocando aos benfeitores da comunidade espírita, pedindo que o levassem para o hospital espírita. Relatou, por fim, que o familiar chorou um pouco, e depois ficou tudo bem, voltando

à normalidade de seu comportamento. Relatou a médium que, naquele momento, não sentia mais medo dos espíritos, sentindo-se, a cada dia, mais forte e firme para interagir com eles de modo a não deixar que interferissem em sua vida pessoal, ou com os seus familiares.

Nesse sentido, nota-se que estes médiuns são levados a usar de autoridade e firmeza para dialogar com os espíritos infelizes, encaminhando-os para outros lugares. Todavia, percebe-se que, para tal, sempre pedem ajuda por meio de oração, a espíritos benfeitores que conduzem os espíritos infelizes, mesmo que a contragosto destes últimos, e relatam sempre obter essa ajuda.

Este diálogo é relatado, às vezes, como uma conversa mental e, em outras, como uma conversa falada. O destino destes espíritos não é marcado por uma expulsão do local, mas como uma ajuda que o direciona para um hospital espiritual, pois são vistos como irmãos doentes, e muitas vezes nem percebem a sua enfermidade.

Assim, aquela disciplina quanto a horário e frequência é direcionada para uma vigilância quanto à percepção, a fim de não se deixar dominar pelos espíritos dentro e fora da instituição espírita. Disciplina que passa a ser associada ao cumprimento de uma missão: o propósito de ajudar estes espíritos a saírem do caminho do sofrimento e enfermidade.

Essa vigilância é melhor descrita em uma última narrativa. A cada dois meses, há um encontro em que não há discussão teórica ou prática mediúnica, é o encontro da avaliação, onde todos são convidados a falar, como tem se sentido no grupo e fora dele.

Neste dia, F chegara diferente, e todos comentaram que o colega não parecia estar bem. Quando chamado a falar, F disse que estava por demais inseguro, muito emotivo, com vontade de chorar, não estando bom para falar nada. Neste instante, o coordenador perguntou-lhe se esse choro era dele ou de alguém que se aproximara dele. Ele relatou que tal sentimento se apossara dele ao conversar com G, que lhe informara estar com problemas de saúde na família, então se dera conta de que se deixou envolver nas energias de preocupação do colega. Assim, o coordenador comentou que enquanto médiuns, pessoas sensíveis, precisavam perguntar-se, frequentemente, se há motivos para que se sentir do modo como se sentiam, era necessário trabalhar essa vigilância, e informara que muitos haviam percebido a diferença no comportamento de F. F destacou que no início do encontro sentia vontade de se “esbugalhar” chorando, e o coordenador perguntou-lhe, agora, se ele havia percebido não ser seu aquele sentimento, o que F tinha a dizer para G. F relatou que ainda não se sentia bem para tal orientação. Então o coordenador disse palavras de conforto a G, conforme os esclarecimentos do espiritismo.

Neste último relato percebe-se que o médium não apenas percebe as intenções dos espíritos, mas também de pessoas vivas, passando a captar suas emoções, as quais também precisam ser conduzidas; tanto no sentido de não dominar o médium por meio da educação mediúnica, quanto de oferecer um alento/orientação para o colega, pois se foi percebida pelo médium, é porque há algo a ser feito.

Nestes momentos de prática mediúnica ou de avaliação, o compartilhar das experiências de cada um, leva todos a ressignificarem suas próprias experiências, possibilitando novos desfechos, principalmente, ao ver que é possível conduzir um espírito, e percebê-los fora dos limites da instituição espírita. Assim, embora tenham um modelo de transe, de encaminhamento destes irmãos, em cada situação há a possibilidade de criar agências diferentes, pois são percebidos como situações diferentes a exigirem soluções diversas.

Assim, o que aprendem nessa comunidade de prática, os faz médiuns para além dos dias de trabalho na casa, fazendo-os perceberem seus cotidianos a partir de um olhar espírita, em um ambiente em movimento, no qual os dois planos (material e espiritual) permanecem em constante interação, sem que tenham que se deixar possuir para interagir com eles, conduzi-los.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento espírita brasileiro distingue-se do movimento francês, pois é focalizado em uma mediunidade com Jesus, a partir da máxima “fora da caridade não há salvação” (ARRIBAS, 2011). Este pressuposto orienta o pensamento de grande parte de instituições espíritas, que apresentam, em seus estatutos, a finalidade de assistência social por meio da filantropia e da assistência espiritual por meio da disseminação da cultura espírita e de trabalhos que focalizam o amparo a espíritos vivos e mortos (passes e trabalhos mediúnicos, por exemplo).

O Espiritismo difunde-se por meio de centros espíritas, pequenos núcleos que congregam desde estudantes da doutrina até pessoas que o buscam, para solicitar ajuda material e espiritual. Deste modo, o próprio núcleo oferta a possibilidade de se praticar a caridade (ajuda ao próximo) de diferentes maneiras (material ou espiritual) aos seus adeptos, pois oferta oportunidades de atividades desse cunho aos seus frequentadores.

Conforme Lave e Wenger (1991), a aprendizagem cultural é sempre situada e acontece em comunidades de prática. No caso do Espiritismo, os centros espíritas constituem esse lócus comunitário, no qual o frequentador, ao participar de suas diferentes atividades, constitui um jeito de ser espírita, voltado para a moral evangélica na necessidade de ajudar ao próximo, com a transversalidade da disciplina e vigilância que passam a orientar seu comportamento, e fazê-lo reconhecido com um trabalhador nas diferentes atividades que desenvolve.

Por outro lado, neste percurso, este frequentador desenvolve uma percepção voltada para um mundo invisível, o mundo espiritual, que é concebido em constante interação com o ambiente. Neste sentido, aprende habilidades de perceber sinais de interferência dos espíritos os quais são sentidos em seu próprio corpo, como também ainda aprende a interagir com este mundo, como um ser consciente e agenciador, ou seja, um ser capaz de interferir nesse mundo através do seu auxílio e orientação, seja encaminhando estes espíritos para alguma direção, seja solicitando sua ajuda.

Nesta perspectiva, ao apreender movimentos, sentimentos e emoções deste plano, que afetam o mundo corpóreo, usa suas habilidades conforme cada situação, sempre buscando avaliar cada contexto e co-criar soluções para apaziguar esta

relação que pode ser tensa, agitada, valendo-se do uso de disciplina, firmeza e autoridade.

Por fim, aprende a ter sempre atenção às suas percepções, ou seja, ser um médium em contínua vigilância a fim de que possa tomar atitudes de socorro aos que percebe.

## 7 REFERÊNCIAS

- ARRIBAS, Célia da Graça. Uma sociologia histórica do espiritismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, v.3.n.9, jan. 2011.
- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Maceió: EdUFAL, 2009,
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé: Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de Hoje. **Estudos Avançados**, v.18, n.52, 2004.
- DAMAZIO, S. **Da elite ao povo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- HANKS, W. Foreword by Willian Hanks. In. LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning: Legimate Peripheral Participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- INGOLD, T. Pare, Olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe**, 3, 2006, p. 1-43.
- INGOLD. T. Da transmissão das representações à educação da atenção. **Educação** v. 33, n.1, jan-abr 2010, p. 6-25.
- LAGE, A. L. Cognição social e Aprendizagem situada, relacional e processual. Disponível para download em <[http://www.academia.edu/4266839/COGNI%C3%87%C3%83O\\_SOCIAL\\_E\\_APRENDIZAGEM\\_SITUADA\\_RELACIONAL\\_E\\_PROCESSUAL](http://www.academia.edu/4266839/COGNI%C3%87%C3%83O_SOCIAL_E_APRENDIZAGEM_SITUADA_RELACIONAL_E_PROCESSUAL)>. Acesso em 03 out. 2015.
- LAVE, J. A prática da aprendizagem In. ILLERIS, K. **Teorias Contemporâneas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning: Legimate Peripheral Participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: uma discussão inicial. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n.1,2008.
- LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 44 nº 1, 2001.
- LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo Kardecista: antigas e novas configurações. **Civitas**, Porto Alegre, v. 6, n. 2. Jul-dez.2006.
- PIRES, José. **O centro espírita**. São Paulo: Paideia, 2000.

SAUTCHUK, C.E. Aprendizagem como gênese. **Horizontes Antropológicos**, ano 21, n. 44, jul-dez 2015, p. 109-139.

SEBP. **Estatuto Social**. Santa Maria: 2004.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M.; GOMES, A. M. Apresentação. **Horizontes Antropológicos**, ano 21, n. 44, jul-dez 2015, p. 109-139.

STOLL, Sandra Jacqueline. O Espiritismo na Encruzilhada: mediunidade com fins lucrativos. **Revista USP**, São Paulo, n.67, 2005.

STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou autoajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 2, 2002.

WACQUANT, L. Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. ARRIBAS, Célia da Graça. Uma sociologia histórica do espiritismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, v. III, n.9, jan/2011.

WENGER, E. *Communities of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, E. Uma teoria social da aprendizagem In. ILLERIS, K. **Teorias Contemporâneas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

XAVIER, F. C. A árvore útil In. **Coletâneas do AI**